

Tipo de relato: Relato de Experiência

Eixo transversal: Educação e saúde

Título: **TERRITÓRIO VIVO, LUDICIDADE, PRODUÇÃO DE SUBJETIVAÇÃO E A FORMAÇÃO MÉDICA**

Palavras-chave: Território na saúde, ludicidade e formação médica.

Autoras(es):

MAGDA DE SOUZA CHAGAS (UFF/ISC)

LIZEN CLARE ANDRE MOREIRA (UFF/Fac.Medicina)

LUCAS CECIM DE SOUZA - (UFF/Fac.Medicina)

LUIZA COSTA MPALANTINOS (UFF/Fac.Medicina)

MARIA RITA MONTEIRO FREITAS (UFF/Fac.Medicina)

RAFAELLA MAFEZONI CAETANO (UFF/Fac.Medicina)

THIAGO DIAS DE LIMA (UFF/Fac.Medicina)

**Introdução:** O processo de aprendizagem e a construção de conhecimento durante a formação da(o) discente de Medicina, assim como nos outros cursos na área da saúde, percorrem caminhos distintos. Para todas(os) envolvidas(os) acompanham incertezas, desafios e necessidades de construções e reconstruções constantes para receber e acolher novas mentes e corações. Ainda que se projete ou espere que a(o) discente desenvolva olhar singular para a pessoa que futuramente chegar diante dela(e) na busca de atendimento, de cuidado, por alguma necessidade, situação de vulnerabilidade ou fragilidade; esperando que essa pessoa tenha respeitada a complexidade da sua vida na dimensão física, simbólica e existencial; que o seu território vivo seja incluído no processo de cuidado, oferecer experiência que provoque reflexões e vivências nessa direção, constitui desafio. **Objetivo:** Esse trabalho tem como objetivo apresentar o relato de experiência vivido por uma docente e uma turma de 13(treze) discentes do 2º período do curso de Medicina da UFF, na disciplina Trabalho de Campo Supervisionado (TCS 1B), no semestre 2024.1, durante o desenvolvimento do tema Território na Saúde. **Metodologia:** Relato de experiência. A estratégia escolhida para o desenvolvimento da atividade foi através do caminho da ludicidade, frente a pergunta provocação: O que pode um corpo? **Resultado e Desenvolvimento:** Tomamos como inspiração Espinosa,

revisto por Deleuze, quanto ao olhar para o corpo, seus afetos e afecções, o que se pretendeu com a adoção do lúdico. Assim, foi solicitado que a turma de 13(treze) pessoas se dividisse em 3 grupos de 3 pessoas e 1 grupo de 4 pessoas. Cada grupo recebeu folha de papel pardo, lápis de cor, hidrocor e giz de cera, com um pedido: escolher entre cada grupo a pessoa que teria o corpo contornado e que a partir daquele momento todas e todos passariam a realizar a atividade em silêncio. Coletiva e individualmente, mas em silêncio. Quando em roda, abrimos para trocar e conversar sobre a experiência, alguns pontos apresentados por alunas e alunos chamam atenção, como:

“Eu acho legal porque é contrastante. É muito contrastante sair de 4(quatro) horas de aula de anatomia na parte da manhã quando estávamos com um corpo de cadáver e a gente vem para essa aula que representa outras coisas, para falar de cuidado, desenhamos e pensamos em um corpo com outros elementos, com outras questões, com vida. Continuamos a falar do mesmo assunto. Foi bom, porque me ajudou a pensar outras coisas sobre o corpo”;

“Mostra o que um corpo pode, que tem diferentes estruturas e significados, que pode ver ou não ver e ao mesmo tempo não deixar de lado os corpos humanos e especialmente a singularidade de cada um”;

“Muita coisa não cabe dentro do corpo, muita coisa tem que transbordar. A gente é uma mistura de coisas...”;

“O corpo também é território”;

“Corpos diferentes, corpos que andam e não falam. Pessoas que se comunicam. Prazer e tabu. Envelhecer e se reinventar. O corpo pode se reinventar”;

“Um corpo pode muito mais e o tabu não deixa. Um corpo pode fazer um bebê. Um corpo pode ser companhia e acolhimento”;

“O corpo é tão abundante...o que está errado é o mundo”;

“O silêncio provocou outras conexões, como as diferenças e complementaridades”;

“Eu pensei que tem diferentes corpos, assim como diferentes pessoas”

“Eu entendi o propósito de não falar enquanto estava fazendo. Me incomoda muito não falar. Eu acho muito difícil não falar, mas se a gente fosse falar a gente ia ficar discutindo o que colocar, quem poderia ou não. Aí quando a gente ficou em silêncio a decisão era nossa de colocar ou não”

“Eu pensei que tem pessoas que tem alguma limitação, que pode ser na fala, na audição, e essas pessoas também tem corpo”

“O corpo sente, o corpo resiste. Braços e pernas resistem, braços e pernas... Existindo você sente e sentindo você existe. Como um corpo pode ser diferente de significados, sensações...E pensar”;

**Considerações:** Se ainda no século XXI as salas de aula apresentam a mesma disposição estética e representação daquelas do século XIX ou XVIII, podemos nos fazer, constantemente, convite à reinvenção. A primeira intenção ao usar uma atividade lúdica, foi que cada pessoa entrasse em contato com a sua criatividade sem crítica, ou mesmo com ela. Isso porque está no arcabouço, na viga de sustentação da proposta a articulação da construção do conhecimento com questões subjetivas do sujeito. Abrir espaço para o criativo em nós para então entrarmos em contato com as dimensões da outra pessoa, ou ainda abrir espaço para o criativo em nós para à partir daí olhar as diferentes camadas do território e poder chegar, atingir, alcançar o território vivo. Pensar território físico é fácil, está dado. Abrir espaço para acolher e compreender que existem outras camadas no campo do território da saúde e que todas são importantes na construção do processo de cuidado, pede novos olhares. Vivemos a necessidade de rever nossos processos no que tange a educação formal, e carregar de sentido o contato, o olhar, a construção de relações, a escuta, a tensão entre o coletivo e o individual, perceber e acolher a criatividade em si e no quanto ela pode ser utilizada no contato com o outro. Propor que estudantes em silêncio, cada uma(a) à sua maneira, com as suas afecções, “construam” coletivamente um corpo e junto a esse mergulhar no simbólico, no físico, no existencial, e a partir do lúdico atravessar e acessar o território vivo ali representado, fez sentido para todas e todos presentes. O uso da autonomia e da criatividade por parte do(a) discente na elaboração da atividade devem ser destacados. O conceito território vivo não é óbvio, uma vez que articula intensamente com a subjetividade que cada pessoa carrega consigo e processo de produção de sujeitos. Uma turma de discentes do segundo período do curso de Medicina apresentar leitura detalhada, instigante, provocadora e profunda, que tomaram no uso do conceito de território na saúde e mais precisamente território

vivo, explícita e eleva o processo de aprendizagem para outros patamares e conexões. Os objetivos propostos foram alcançados.